

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

KAUANE CRISTINA MENDES DE SOUSA

**O PAPEL DAS METÁFORAS CONCEITUAIS NA CONSTRUÇÃO DA
MORALIDADE EM DISCURSOS RELIGIOSOS**

BOM JESUS – PI

2025

KAUANE CRISTINA MENDES DE SOUSA

**O PAPEL DAS METÁFORAS CONCEITUAIS NA CONSTRUÇÃO DA
MORALIDADE EM DISCURSOS RELIGIOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual do Piauí, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Letras Português, sob a orientação do
Professor Dr. Antonio Artur Silva Cantuário.

BOM JESUS – PI

2025



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS**



KAUANE CRISTINA MENDES DE SOUSA

**O PAPEL DAS METÁFORAS CONCEITUAIS NA CONSTRUÇÃO DA
MORALIDADE EM DISCURSOS RELIGIOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português, sob a orientação do Professor Dr. Antonio Artur Silva Cantuário.

Aprovado em: __26__ / __06__ / __2025__

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antonio Artur Silva Cantuário
(Presidente)

Prof. Dr. Francisco Herbert da Silva
(Primeiro Examinador)

Profª. Ma. Maria do Socorro de Andrade Ferreira
(Segunda Examinadora)

**O PAPEL DAS METÁFORAS CONCEITUAIS NA CONSTRUÇÃO DA
MORALIDADE EM DISCURSOS RELIGIOSOS**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



***THE ROLE OF CONCEPTUAL METAPHORS IN THE CONSTRUCTION OF
MORALITY IN RELIGIOUS DISCOURSES***

Kauane Cristina Mendes de Sousa¹

Orientador: Dr. Antonio Artur Silva Cantuário²

RESUMO: Este artigo visa compreender como as metáforas constroem e reforçam concepções de moralidade, moldando percepções sobre pecado, bem e mal, certo e errado. A pesquisa ancora-se nos pressupostos da Linguística Cognitiva, especialmente nas contribuições de Lakoff e Johnson (1980), para demonstrar que as metáforas não são meros ornamentos linguísticos, mas mecanismos fundamentais na construção do pensamento moral. O estudo explora três domínios metafóricos centrais: o caminho, a luz/trevas e o fruto, interpretando como essas imagens constroem um modelo moral centrado na disciplina, no discernimento entre o bem e o mal, certo e o errado, e o pecado a partir de versículos bíblicos nos livros de Mateus e João. A análise revela que essas metáforas funcionam como estruturas cognitivas que orientam comportamentos, delimitam condutas e sustentam a forma específica de ver o mundo baseada em princípios espirituais e morais particulares, consolidando uma moralidade baseada na escolha consciente e na responsabilidade individual. Conclui-se que as metáforas conceituais analisadas operam como guias morais que transcendem o discurso religioso, influenciando a percepção ética.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora conceptual. Moralidade. Linguística cognitiva. Discursos religiosos.

ABSTRACT:

This article aims to understand how metaphors construct and reinforce conceptions of morality, shaping perceptions of sin, good and evil, and right and wrong. The research is grounded in the principles of Cognitive Linguistics, particularly in the work of Lakoff and Johnson (1980), to demonstrate that metaphors are not mere linguistic ornaments but fundamental mechanisms in the construction of moral thought. The study explores three central metaphorical domains—the path, light/darkness, and fruit—to interpret how these images construct a moral framework centered on discipline, discernment between good and evil, right and wrong, and the notion of sin, based on biblical verses. The analysis reveals that these metaphors function as cognitive structures that guide behavior, define conduct, and sustain a particular worldview rooted in specific spiritual and moral principles. It concludes that the conceptual metaphors analyzed operate as moral guides that transcend religious discourse, influencing ethical perception more broadly.

¹

²



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



KEYWORDS: Conceptual metaphor. Cognitive linguistics. Morality. Religious discourses.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre metáforas conceituais realizados por George Lakoff e Mark Johnson (1980) trouxeram uma nova perspectiva sobre como as metáforas moldam nossa compreensão do mundo. As metáforas são fundamentais para a cognição humana, atuando como uma ponte entre o abstrato e o concreto e revelando a especificidade da linguagem humana. Elas facilitam o entendimento de ideias complexas ao estabelecer conexões entre domínios conceituais distintos, permitindo que conceitos intangíveis, como emoções e valores, sejam mais acessíveis e próximos do cotidiano. A linguagem metafórica, assim, não apenas embeleza o discurso, mas também orienta o modo como as pessoas interpretam e se relacionam com o mundo.

O discurso religioso é compreendido como uma prática linguística, social e simbólica estruturada, por meio da qual são veiculados valores, crenças e normas que orientam a conduta moral e espiritual dos sujeitos. Essa concepção ultrapassa a noção de discurso como mera fala ou texto, reconhecendo-o como um conjunto de enunciados que se organizam dentro de uma determinada formação ideológica e que exercem funções normativas, persuasivas e simbólicas na vida em sociedade.

Nesse sentido, o discurso religioso constitui uma via fundamental pela qual ideias e valores são comunicados e compartilhados coletivamente. Ele estrutura o modo como as pessoas se posicionam diante de situações do cotidiano e reforça princípios éticos, crenças e ideais que norteiam comportamentos sociais. Trata-se, portanto, de uma prática discursiva que não apenas reflete, mas também molda realidades, consolidando visões de mundo e orientando práticas culturais e espirituais. Ao recorrer a estratégias cognitivas, como o uso de metáforas, o discurso religioso amplia ainda mais o poder da construção da moralidade. As metáforas conceituais funcionam como ferramentas cognitivas que estruturam o pensamento e possibilitam a compreensão de conceitos abstratos por meio de experiências concretas. Quando esse tipo de discurso incorpora metáforas como “caminho”, “luz/trevas” ou “fruto”, torna-se um meio ainda mais eficaz de moldar percepções e influenciar atitudes, justamente por permitir uma apreensão mais imediata e emocional das ideias que transmite.

Dessa forma, entende-se aqui o discurso religioso como uma prática discursiva complexa, que atua na formação de subjetividades e na orientação moral por meio da linguagem, articulando elementos simbólicos e cognitivos na produção de sentidos que



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



sustentam, ampliam e legitimam valores em sociedade. Conforme argumentam Vereza e Duque (2023), a análise das metáforas conceptuais possibilitam uma compreensão mais profunda das estruturas cognitivas subjacentes ao pensamento e à linguagem. Dessa forma, o estudo das metáforas não se restringe à linguística, mas possui implicações em áreas como a psicologia, as ciências cognitivas e a filosofia. Esse ponto reforça a ideia de que metáforas não são meramente figuras de linguagem decorativas, mas estruturas fundamentais para a cognição e para a internalização de normas morais e culturais.

Ao explorar a relação entre metáforas conceptuais e moralidade, é importante considerar diferentes abordagens sobre a cognição. Pelosi (2008) discute como distintas concepções da mente influenciam os estudos linguísticos, destacando a perspectiva atucionista, que enfatiza a conexão entre cognição e linguagem. Esse modelo, associado à Linguística Cognitiva, defende que o pensamento emerge da experiência corpórea e das interações sociais, refletindo aspectos sensoriais e culturais. Para Ferrari (2002), a linguagem não deve ser vista como um sistema independente, mas como parte da cognição geral. O significado, segundo a autora, é dinâmico e depende do contexto e da experiência. Dessa forma, as metáforas nos discursos religiosos bíblicos vão além da representação de normas morais, contribuindo para sua construção e interiorização. Lakoff e Johnson (1999) destacam metáforas fundamentais para a moralidade nos discursos religiosos, como "moralidade é pureza" e "pecado é carga". A primeira relaciona a virtude à ideia de pureza espiritual, comum em tradições religiosas, especialmente no cristianismo. A segunda retrata o pecado como um peso que pode ser aliviado por meio da confissão e do arrependimento, reforçando a concepção de redenção presente nos rituais religiosos.

Diante desse panorama, esse estudo parte da seguinte indagação: de que maneira as metáforas conceptuais presentes nos discursos religiosos constroem e reforçam as concepções de moralidade? Para responder a essa pergunta, o objetivo geral da pesquisa é compreender como essas metáforas constroem e reforçam concepções de moralidade, moldando percepções sobre pecado, bem e mal, certo e errado. A fim de alcançar esse objetivo, propõem-se como metas específicas: identificar as principais metáforas conceptuais presentes nos evangelhos de João e Mateus, analisar de que forma essas metáforas estão articuladas ao discurso religioso, investigar como essas metáforas atuam na construção das noções de moralidade, e refletir sobre os efeitos dessas metáforas na internalização de normas e valores religiosos.

O diferencial dessa pesquisa, em relação às anteriores, está na análise detalhada das metáforas presentes nos discursos religiosos bíblicos, especialmente dos evangelhos de João e



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



Mateus, e sua função na internalização de normas morais. Enquanto Lakoff e Johnson (1980) estabelecem a base teórica para o estudo das metáforas conceituais, e autores como Pelosi (2008) e Ferrari (2002) contribuem com discussões sobre cognição e linguagem, esse estudo se propõe a investigar como essas metáforas atuam na construção do conceito de moralidade dentro de um contexto discursivo específico. Assim, a pesquisa contribui para preencher uma lacuna teórica, ao oferecer uma abordagem que combina a Linguística Cognitiva e a análise dos discursos religiosos retirados dos evangelhos bíblicos de João e Mateus, para compreender como normas e valores são transmitidos e reforçados por meio da linguagem metafórica.

Dessa forma, essa pesquisa se justifica tanto pela necessidade de aprofundamento teórico sobre a relação entre metáforas e a moralidade quanto pela aplicação desse conhecimento ao estudo do discurso religioso bíblico. Na perspectiva da Linguística Cognitiva, especialmente a partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é vista como um mecanismo central da cognição humana, que permite compreender conceitos abstratos por meio de experiências concretas. Trata-se do que esses autores denominam *metáfora conceptual*, em que estruturas do pensamento são organizadas com base em domínios experienciais distintos. Um exemplo disso é a metáfora “o bem é luz”, em que um conceito abstrato como “bem” é compreendido a partir de uma experiência sensorial concreta e universal: a luz. Nesse sentido, metáforas não apenas reforçam expressivamente o discurso, mas estruturam a forma como o mundo é concebido, sentido e experienciado.

A metáfora, portanto, está profundamente ligada ao discurso, entendido aqui como uma prática social e simbólica que produz sentidos em contextos históricos e ideológicos específicos. O discurso não é neutro: ele seleciona, organiza e transmite visões de mundo. Quando inseridas no discurso religioso, as metáforas conceituais tornam-se estratégias eficazes para transmitir valores morais, orientações espirituais e normas de conduta. Elas não apenas facilitam a compreensão do conteúdo doutrinário, mas também amplificam o poder de construção da moralidade, ao associar práticas desejadas ou condenadas a imagens sensíveis e afetivamente marcadas.

A análise das metáforas no interior de um texto religioso, entendido aqui como uma materialização linguística do discurso, permite observar como esses enunciados operam simultaneamente no plano do conteúdo e da forma, engajando os leitores em uma experiência interpretativa que não é apenas racional, mas também corporal, emocional e vivencial. O texto, portanto, é o espaço onde se concretiza o discurso, e onde as metáforas assumem sua função cognitiva e persuasiva na estruturação dos sentidos.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



Nesse contexto, estudar as metáforas conceituais presentes no discurso religioso bíblico significa reconhecer que os textos sagrados não apenas comunicam doutrinas, mas também modelam formas de pensar, sentir e agir, utilizando a linguagem como instrumento de construção simbólica da realidade. Assim, o aprofundamento teórico sobre as relações entre metáfora, moralidade, discurso religioso e texto é não apenas relevante, mas indispensável para compreender os processos linguísticos e cognitivos envolvidos na formação e manutenção das representações morais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguística cognitiva, que surgiu no final do século XX, consolidou-se como uma abordagem interdisciplinar que rompe com as perspectivas formalistas da linguagem. Diferentemente destas abordagens, que muitas vezes tratavam a linguagem de maneira isolada, a linguística cognitiva enfatizou a relação intrínseca entre mente, linguagem e experiência corporal. Nesse contexto, a linguagem não é apenas um sistema abstrato de regras, mas sim um componente integral da cognição humana, conectado à percepção, à memória e às vivências culturais e corporais.

Enquanto teorias como a Gramática Gerativa, de Noam Chomsky, postulavam uma independência entre a linguagem e outros aspectos da mente, propondo uma gramática universal inata, a linguística cognitiva rejeitava essa separação. Lilian Ferrari (2002) apresenta uma análise detalhada da Linguística Cognitiva, contrastando-a com a abordagem gerativista de Chomsky. Embora a autora reconheça a relevância dos estudos chomskianos no campo da cognição, ela enfatiza que a Linguística Cognitiva se distancia desse modelo ao adotar uma perspectiva não modular da linguagem. Enquanto o gerativismo propõe que a linguagem é regida por um módulo mental autônomo e independente de outros sistemas cognitivos, a Linguística Cognitiva argumenta que a linguagem está integrada à cognição geral e não pode ser isolada de outros processos mentais.

Uma das principais contribuições da Linguística Cognitiva, segundo Ferrari (2002), é o entendimento de que a cognição desempenha um papel mediador entre a palavra e o mundo. Isso significa que o significado linguístico não é simplesmente uma relação fixa entre um termo e um referente objetivo, como propõem modelos mais formalistas, mas sim um processo dinâmico e enciclopédico. A noção de significado enciclopédico, defendida por Ferrari (2002), indica que a interpretação das palavras depende de fatores extralinguísticos, como as



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



experiências pessoais do falante e seu contexto sociocultural. Assim, uma mesma palavra pode evocar diferentes sentidos dependendo da vivência e do conhecimento prévio do interlocutor. Além disso, a autora destaca a perspectiva empirista da Linguística Cognitiva, que vê a cognição como enraizada na experiência corpórea.

Diferentemente do racionalismo chomskyano, que pressupõe uma gramática inata, a Linguística Cognitiva argumenta que a percepção do mundo e a construção do significado são moldadas pelas características do corpo humano e pelas interações sensório-motoras com o ambiente. Esse posicionamento está alinhado com a teoria da cognição corporificada (*embodied cognition*), que defende que nosso conhecimento é estruturado a partir da maneira como experimentamos o mundo fisicamente. Essa abordagem oferece um entendimento mais amplo da relação entre linguagem, mente e corpo, reforçando a ideia de que a linguagem não pode ser analisada isoladamente, mas sim como parte de um sistema cognitivo complexo e interdependente.

A teoria das metáforas conceituais está intrinsecamente vinculada à Linguística Cognitiva, que compreende a cognição como um processo inseparável das experiências corporais. George Lakoff e Mark Johnson revolucionaram essa compreensão ao publicarem, em 1980, o influente trabalho intitulado *Metaphors We Live By*. Nesse trabalho, os autores argumentam que as metáforas transcendem seu papel tradicional de figuras de linguagem decorativa, constituindo, na verdade, estruturas fundamentais do pensamento humano. Segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas estruturam não apenas o sistema conceitual humano, mas também como agimos e sentimos no mundo, evidenciando sua relevância na organização cognitiva. Com isso, as metáforas moldam não apenas nosso sistema conceitual, mas também nossas ações e emoções. Isso ocorre porque a cognição humana não é apenas abstrata e lógica, contudo profundamente enraizada na experiência corpórea e na interação com o ambiente.

A metáfora "tempo é dinheiro" exemplifica como os conceitos metafóricos estruturam não apenas nossa linguagem, bem como nossas práticas sociais e emocionais. No capítulo "A sistematicidade dos conceitos metafóricos" do livro *Metaphors We Live By* (1980), Lakoff e Johnson exploram essa relação, argumentando que a maneira como concebemos o tempo na cultura ocidental é profundamente influenciada por sua associação com o trabalho e a economia. Os autores destacam que, na sociedade moderna, o tempo é tratado como um bem e um escasso, um recurso que deve ser gerenciado com eficiência. Essa perspectiva é resultado do desenvolvimento do conceito de trabalho na cultura ocidental, no qual o tempo passou a ser



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



quantificado e remunerado – por hora, semana, mês ou ano. Dessa forma, expressões como "gastar tempo", "perder tempo" e "investir tempo" não são meramente figuras de linguagem decorativa, no entanto refletem uma estrutura cognitiva enraizada em nossa experiência cotidiana com dinheiro, bens e recursos limitados.

Essa sistematicidade dos conceitos metafóricos demonstra que não pensamos sobre o tempo de maneira neutra ou objetiva. Pelo contrário, nossa concepção de tempo está intrinsecamente ligada à forma como interagimos com o mundo, regulamos nossas atividades e até experimentamos emoções. A ideia de que "tempo é dinheiro" influencia diretamente comportamentos produtivistas e sentimentos de urgência, ansiedade e frustração diante da sensação de tempo desperdiçado.

Assim, Lakoff e Johnson (1980) evidenciaram que as metáforas não apenas organizam nosso sistema conceitual, assim como afetam nossa conduta e percepção da realidade. Ao utilizar experiências concretas – como lidar com dinheiro e bens valiosos – para conceituar algo abstrato como o tempo, as metáforas exercem um papel estruturante na maneira como compreendemos e vivenciamos o mundo.

Como propõem Lakoff e Johnson (1980):

A metáfora para a maior parte das pessoas é um mecanismo da imaginação poética e do requinte teórico: uma questão de linguagem “extraordinária” em vez da linguagem comum. Além disso, a metáfora é tipicamente vista como uma característica da linguagem: uma questão de palavras e não de pensamentos e ações. Por essa razão, a maioria das pessoas pensam que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós acreditamos, no entanto, que a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza (Lakoff e Johnson, 1980, p.45).

O trecho de Lakoff e Johnson (1980) discute uma visão comum sobre a metáfora que a limita ao campo da linguagem poética e teórica, ou seja, como algo relacionado apenas a formas de expressão literária ou refinada, que pertence a uma "linguagem extraordinária" e não à linguagem do cotidiano. Nessa perspectiva, a metáfora é vista como característica da linguagem, algo que se manifesta apenas nas palavras, sem conexão direta com o pensamento e as ações diárias das pessoas. Consequentemente, muitas pessoas acreditam que podem viver bem sem as metáforas, ignorando sua presença e importância em suas vidas. No entanto, Lakoff e Johnson (1980) propõem uma visão diferente e mais profunda. Eles afirmam que as metáforas



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



não estão restritas à linguagem figurada ou à arte, no entanto são parte integrante de nossa vida cotidiana. Segundo os autores, as metáforas não apenas moldam a maneira como nos expressamos, e são fundamentais para o modo como pensamos e agimos. Ou seja, a metáfora não se limita a palavras e as expressões, mas é uma estrutura invisível que organiza e estrutura nossos pensamentos, nossa percepção do mundo e nossas decisões.

Essa perspectiva sugere que o próprio sistema conceitual que usamos para entender a realidade é fundamentado em metáforas. Os conceitos abstratos com os quais lidamos em nossa vida cotidiana, como tempo, emoções, moralidade e até mesmo o próprio corpo, são moldados por metáforas que orientam nossa maneira de perceber e agir. Por exemplo, ao pensarmos em “ter controle” sobre algo ou “passar por dificuldades”, estamos usando metáforas que estruturam nossa compreensão desses conceitos. Essas metáforas não são apenas formas de expressão linguística, mas representações cognitivas que moldam nossa visão do mundo e influenciam nossas ações. Assim, Lakoff e Johnson (1980) desafiam a visão tradicional de que as metáforas são apenas adornos da linguagem e mostram que elas são essenciais para a própria construção do pensamento e da ação humana.

Ana Cristina Pelosi (2008) discute diferentes concepções de cognição e suas implicações para a Ciência Linguística, contrastando abordagens teóricas. Ela destaca a cognição corporificada (*embodied cognition*) como a mais adequada para explicar a relação entre mente e linguagem, pois considera o pensamento inseparável da experiência corpórea e da interação com o ambiente. Diferente da visão computacional da mente, essa perspectiva sustenta que a cognição emerge da experiência sensório-motora, como indicado por estudos neurocientíficos. No âmbito da Linguística Cognitiva, essa abordagem reforça que a linguagem se desenvolve a partir da experiência corpórea e social, evidenciado nos estudos de metáforas conceituais de Lakoff e Johnson (1980), que demonstram como compreendemos conceitos abstratos com base em experiências concretas. Expressões como “ter os pés no chão” ou “carregar um fardo emocional” refletem essa interdependência entre cognição, corpo e linguagem. Ao afirmar que a cognição corporificada é a que melhor traduz a inseparabilidade entre cognição e linguagem nas línguas naturais, Pelosi (2008) ressalta o potencial dessa perspectiva para oferecer um modelo mais abrangente e integrador. Isso porque a visão atuacionista não apenas reconhece a influência da mente sobre a linguagem, mas também evidencia como a própria estrutura linguística reflete nossa experiência enquanto agentes corporificados no mundo. Dessa forma, a cognição corporificada se apresenta como uma



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



abordagem promissora para compreender os mecanismos que sustentam o pensamento e a comunicação humana.

Sob essa perspectiva, a mente humana não é uma entidade isolada do corpo, mas sim moldada por ele, em uma interação contínua entre experiências corpóreas e construção de significados. Essa concepção desafia visões tradicionais que dissociam corpo e mente. Um exemplo eloquente dessa interação é a metáfora "estar para baixo", frequentemente usada para expressar tristeza. Ela reflete a postura física de quem está desanimado, ilustrando como experiências sensoriais concretas influenciam diretamente nossa compreensão de conceitos abstratos. Desse modo, fica evidente que a relação entre corpo e mente é crucial para a construção de sentidos e para a forma como organizamos nossas experiências no mundo.

Como já mencionado, a teoria da metáfora conceitual parte do pressuposto de que o pensamento humano é intrinsecamente metafórico, o que significa que conceitos abstratos frequentemente dependem de estruturas mais concretas e experienciáveis para serem entendidos. Nesse contexto, dois elementos conceituais são centrais: o *domínio-fonte* e o *domínio-alvo*. O domínio-fonte representa uma área de experiência concreta e bem estruturada, como o espaço, o movimento ou o corpo humano. Já o domínio-alvo refere-se a um campo mais abstrato e menos estruturado, como emoções, tempo ou relações interpessoais. A metáfora conceitual emerge do *mapeamento metafórico*, ou seja, da projeção de elementos do domínio-fonte para o domínio-alvo.

Lakoff (1987) destaca a seguinte metáfora: “A raiva é um fluido em aquecimento num recipiente”, para exemplificar sua teoria sobre as metáforas conceituais, onde utiliza mapeamentos entre um domínio concreto e um domínio abstrato para estruturar a compreensão de conceitos complexos. Nesse modelo, a experiência física de um fluido em aquecimento é projetada para o conceito de raiva, criando uma base cognitiva que organiza e facilita sua compreensão e expressão. A fonte dessa metáfora, um domínio de fluido em aquecimento num recipiente, é uma situação concreta e familiar: um recipiente contendo um líquido que aquece até ferver, gerando vapor, pressão e, eventualmente, explosões. Por outro lado, o domínio-alvo, a raiva, é um conceito abstrato, menos estruturado, que ganha claramente maior clareza e concretude ao ser associado a elementos do domínio-fonte. Esse processo ocorre por meio de *mapeamento metafórico*, em que características do fluido em aquecimento são projetadas para os estados emocionais humanos. A correspondência entre os domínios é motivada por



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



experiências humanas recorrentes, como a sensação de calor interno ou pressão associada à raiva.

As consequências metafóricas geradas por essa metáfora evidenciam a riqueza do modelo. Por exemplo, a ideia de que “o líquido, ao ferver, sobe” é mapeada para a noção de que, quando a raiva aumenta, ela também “sobe” internamente, como em “A raiva contida brotava de dentro dele”. Da mesma forma, o calor intenso que gera vapor e pressão no recipiente é associado à tensão corporal e à sensação de “fumegar”, expresso em frases como “Eu estava fumegando de raiva”. Quando a pressão no recipiente se torna insuportável e ele explode, temos a metáfora da “explosão de raiva”, amplamente usada em expressões como “Ele estava quase estourando de raiva”. A explosão, por sua vez, é relatada pelo lançamento de partes do recipiente e pela liberação do conteúdo interno, o que se reflete em imagens como “Meus olhos saltaram de raiva” e “Minha raiva veio subindo e queimando pela garganta”.

Para Lakoff (1987), esse modelo metafórico é um exemplo claro de como os detalhes do domínio-fonte estruturam o domínio-alvo por meio de correlações conceituais. Essa relação não é arbitrária, ao contrário, ela é fundamentada em experiências corporais compartilhadas, como o aumento de temperatura interna ou a tensão crescente sentida durante episódios de raiva. O modelo permite que conceitos abstratos, como emoções, sejam compreendidos em termos de especificações concretas, tornando-os mais acessíveis e comunicáveis.

Além disso, a metáfora de que “a raiva é um fluido em aquecimento” ilustra como a linguagem reflete processos cognitivos. Expressões como “explodir de raiva” não são apenas figuras de linguagem, contudo evidenciam um modo de pensar que organiza e estrutura a percepção humana das emoções. Essa abordagem revela que a metáfora não é um adorno literário, mas uma ferramenta cognitiva indispensável para a compreensão de conceitos abstratos, como emoções, e para a interação social. Assim, o modelo metafórico proposto por Lakoff e Johnson (1980) não apenas explica como pensamos, mas também evidencia a interconexão entre linguagem, cognição e experiência.

As abordagens metodológicas no estudo das metáforas conceituais desempenham um papel fundamental tanto na análise das estruturas metafóricas quanto no desenvolvimento de novas estratégias de investigação. Vereza e Duque (2023) propõem métodos para identificar expressões metafóricas e metáforas conceituais, ressaltando que essas não são apenas recursos linguísticos, todavia elementos estruturantes do pensamento, reforçando ainda mais as ideias de Lakoff e Johnson (1980). Além disso, para eles a abordagem das metáforas conceituais



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



possui um impacto interdisciplinar, influenciando a psicologia ao revelar padrões cognitivos, a filosofia ao discutir a relação entre linguagem e conhecimento e a comunicação ao examinar seu uso estratégico em discursos religiosos, políticos e midiáticos.

1.1 A construção dos discursos religiosos em João e Mateus

Uma das metáforas centrais discutidas pelos autores Lakoff e Johnson, em *Philosophy in the Flesh* (1999), relacionadas à moralidade nos discursos religiosos é *moralidade é pureza*. Em Mateus, por exemplo, encontramos a Bem-Aventurança que declara: "Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8). A metáfora *moralidade é pureza* estabelece uma conexão simbólica entre a virtude moral e a ideia de limpeza ou pureza espiritual, sendo amplamente utilizada em diversas tradições religiosas, particularmente no cristianismo. Essa associação apresenta a moralidade como um estado ideal de pureza que deve ser constantemente buscado pelos indivíduos. Outra metáfora significativa apresentada por Lakoff e Johnson (1999) é *pecado é carga*. No evangelho de Mateus, Jesus convida: "Vinde a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). O evangelho de João também explora Jesus como aquele que "tira o pecado do mundo" (João 1:29), reforçando a necessidade de reconciliação e redenção. Essas metáforas não apenas descrevem o pecado como algo moralmente negativo, mas também implicam que ele é algo que pode ser "carregado" e, portanto, aliviado ou reconciliado.

O pecado é visto como um fardo que os fiéis devem carregar até que possam, por meio de práticas como o arrependimento ou a confissão, aliviá-lo. A metáfora *pecado é carga* reflete a necessidade de redenção no cristianismo, onde o pecado é percebido como algo que pesa sobre uma pessoa, mas pode ser removido ou atenuado por meio de ações corretivas. Essa metáfora tem implicações diretas nas práticas religiosas, como a confissão e os atos de penitência, que são consideradas necessárias para aliviar o fardo do pecado. Assim, essas construções metafóricas vão além da linguagem figurada e tornam-se elementos centrais na forma como a moralidade é estruturada e internalizada.

Lakoff e Johnson (1980) afirmam que as metáforas não são meros adornos da linguagem, mas mecanismos cognitivos fundamentais que moldam nosso pensamento. Nos discursos religiosos, as metáforas desempenham um papel essencial ao conectar conceitos espirituais, como pecado, bem e mal, certo e errado às práticas do cotidiano. Por meio de expressões como



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



moralidade é pureza ou *pecado é carga*, as metáforas oferecem um arcabouço cognitivo que não apenas facilita a compreensão de ideias abstratas, mas também orienta a maneira como as pessoas internalizam normas morais. Essa perspectiva contribui para a exploração das metáforas em textos autênticos e em contextos sociais e culturais contemporâneos, reafirmando a importância das metáforas conceituais na compreensão da moralidade nos discursos religiosos.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada na análise de metáforas conceituais, com foco nos discursos bíblicos presentes nos Evangelhos de Mateus e João. O objetivo principal é compreender como essas metáforas constroem e reforçam concepções de moralidade, moldando percepções sobre pecado, bem e mal, certo e errado. Além disso, a pesquisa apresenta caráter bibliográfico-documental, considerando como fonte de dados os textos bíblicos, bem como o acervo crítico relacionado aos pressupostos da linguística cognitiva, que serviu de base para a fundamentação teórica e para ancorar as interpretações e análises realizadas.

Para alcançar esse objetivo, foi realizada inicialmente uma seleção do *corpus*, que incluiu versículos selecionados dos Evangelhos de Mateus e João. A escolha foi orientada pela identificação de trechos com forte carga metafórica, especialmente aqueles relacionados a temas morais. Essa identificação foi feita por meio de uma leitura sistemática dos textos bíblicos em formato impresso, o que permitiu uma análise detalhada e direta do conteúdo. A busca pelos versículos é guiada por uma atenção especial às expressões que contêm referências, sejam diretas ou indiretas, a conceitos como pecado, justiça, virtude, mal e comportamento ético. Por referências diretas, entende-se a presença explícita dessas palavras ou sinônimos que remetem imediatamente aos conceitos mencionados. Já as referências indiretas dizem respeito a metáforas, figuras de linguagem ou interferências que, embora não utilizem as palavras exatas, evocam os mesmos significados ou conceitos. Por exemplo, uma expressão como 'seguir o caminho do bem' pode ser relacionada ao conceito de virtude, mesmo que o termo 'virtude' não seja aplicável. Assim, a análise é realizada com foco tanto no léxico utilizado quanto no sentido figurado presente nas passagens. Essa abordagem visou garantir que os versículos selecionados sejam relevantes para o objetivo da pesquisa, destacando como os temas morais são moldados e reforçados por meio de metáforas conceituais.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



O trabalho realiza uma análise de oito versículos, sendo quatro extraídos do Evangelho de Mateus e quatro do Evangelho de João. A identificação das metáforas conceituais foi feita com base na metodologia de Lakoff e Johnson (1980), que propõe o mapeamento entre domínios-fonte e domínios-alvo na linguagem. Nessa análise, cada expressão linguística foi avaliada para determinar quais metáforas subjacentes estão presentes e como essas metáforas refletem conceitos abstratos como moralidade. Esse processo envolveu a categorização das metáforas identificadas, considerando padrões recorrentes e suas funções no discurso.

Além disso, como produto final desse processo, foi elaborado um inventário das metáforas conceituais encontradas. Esse inventário incluiu a descrição das metáforas, exemplos extraídos do *corpus*, os domínios-fonte e alvo correspondentes, e as relações previstas com a moralidade. Essa sistematização não apenas organizou os dados da pesquisa, mas também permitiu visualizar de forma mais clara os padrões e associações entre metáforas e normas morais.

3 METÁFORAS, SENTIDO E COGNIÇÃO: CAMINHOS ANALÍTICOS

Lakoff e Johnson (1980) afirmam que as metáforas conceituais são fundamentais na formação de nossos pensamentos e ações, pois refletem o modo como experimentamos o mundo. A teoria de metáforas conceituais propõe que utilizamos metáforas, muitas vezes de maneira inconsciente, para entender e comunicar conceitos abstratos. Essas metáforas são compostas por dois domínios: o domínio-fonte, que é o campo de experiência mais concreto e familiar, e o domínio-alvo, que é o conceito abstrato que queremos compreender. A relação entre esses domínios é mapeada pela metáfora, que ajuda a traduzir conceitos difíceis de entender em algo mais acessível.

No contexto dos discursos religiosos, as metáforas conceituais desempenham um papel essencial na transmissão e internalização de normas morais. Elas permitem que conceitos abstratos, como pecado, bem e mal, certo e errado, sejam compreendidos por meio de experiências concretas e sensoriais. Esse estudo investiga como os Evangelhos de Mateus e João utilizam metáforas para estruturar a moralidade cristã. Os autores argumentam que nosso pensamento é fundamentalmente metafórico e que conceitos abstratos são compreendidos por meio do mapeamento entre domínios-fonte (experiências concretas) e domínios-alvo (ideias abstratas). Dessa forma, expressões como “caminho estreito” e “caminho largo” encontrados



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



nos evangelhos de João e Mateus, representam a moralidade como um percurso, enquanto “árvore boa” e “árvore má” associam a conduta moral à produção de frutos. Essas metáforas não apenas tornam conceitos morais mais acessíveis, mas também reforçam normas e valores dentro do discurso religioso. Tais normas incluem a obediência, o arrependimento como parte do processo de purificação moral e a perseverança diante das tentações. Os valores veiculados por essas metáforas englobam a retidão, a humildade, a disciplina espiritual e a responsabilidade individual. Por exemplo, a metáfora do "caminho estreito" sugere que a vida moralmente correta exige esforço e renúncia, enquanto o "caminho largo" remete à facilidade que conduz à perdição. Já a metáfora da árvore e dos frutos implica que a verdadeira moralidade deve se manifestar em ações visíveis e coerentes, ou seja, bons frutos são sinais de uma vida justa. Assim, o discurso religioso organiza o comportamento em torno da ideia de que o bem deve ser cultivado e demonstrado por meio de escolhas e ações concretas.

4.1 Pecado e a Metáfora do "Caminho"

Nos discursos religiosos, as metáforas desempenham um papel fundamental na estruturação da moralidade, sendo utilizadas para transformar conceitos abstratos em experiências mais concretas e acessíveis. Entre as metáforas mais poderosas está a do caminho, que representa a jornada moral do ser humano, simbolizando a escolha entre condutas virtuosas e pecaminosas. Essa metáfora é projetada a partir de experiências cotidianas, nas quais o ser humano percorre caminhos físicos, algo familiar e intuitivo, e as transferências dessas experiências para o domínio da moralidade tornam o abstrato mais compreensível.

A metáfora do caminho é um exemplo clássico de como o domínio-fonte (concreto) — a experiência física de caminhar por estradas e trilhas — é transferido para o domínio-alvo (abstrato) — a vida moral, com suas escolhas e consequências. Todos nós sabemos o que é caminhar por um caminho estreito e cheio de obstáculos, que exige esforço, assim como sabemos o que é seguir uma estrada larga, plana e sem desafios. Essas experiências concretas são usadas para ilustrar o comportamento ético, tornando-o mais tangível e visual.

Mateus 7:13-14 – "Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição (...)."



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



Neste versículo, a metáfora do "caminho largo" é utilizada para representar a facilidade e a negligência espiritual, conceitos que conduzem à perdição, entendida como o afastamento de Deus e da vida moral verdadeira. Em contraste, o "caminho estreito" simboliza a dificuldade, o esforço, o sacrifício e a vigilância, que são qualidades necessárias para alcançar a vida espiritual plena. Essa metáfora pode ser analisada à luz da teoria de transferência metafórica. O caminho físico, que é uma experiência concreta e sensorial, é projetado para o domínio-alvo, ou seja, a conduta moral. A escolha entre o caminho largo e o caminho estreito reflete, portanto, a escolha entre a facilidade moral, que leva à destruição, e a virtude, que exige esforço e leva à vida. A metáfora transforma a escolha moral em uma escolha de rota a seguir, fazendo com que o leitor visualize a vida ética como uma jornada concreta.

No versículo não é apenas apresentado uma escolha de caminho físico, mas uma decisão moral que envolve as ações diárias do indivíduo. A transferência da experiência concreta (caminho físico) para a abstração (vida moral) permite ao leitor entender a moralidade de maneira mais visual e intuitiva, quase como se a vida fosse um trajeto a ser percorrido. A transferência metafórica, portanto, se dá da seguinte forma:

- Domínio-fonte (concreto): caminhos físicos — largos ou estreitos, fáceis ou difíceis de trilhar.
- Domínio-alvo (abstrato): condutas morais — permissivas ou virtuosas, negligentes ou rigorosas.

Ao transferir a experiência concreta de caminhar para o domínio da moralidade, ela transforma conceitos abstratos como virtude, pecado, esforço e salvação em algo visual e tangível. A escolha entre o caminho largo e o caminho estreito se torna uma metáfora não apenas instrucional, mas profundamente pedagógica, que orienta o comportamento moral do cristão. Essa transferência metafórica não é apenas uma ilustração literária, mas um modelo cognitivo que ajuda os indivíduos a compreenderem a moralidade como uma jornada contínua, em que cada escolha molda o destino final. Assim, a metáfora do “caminho” oferece uma visão concreta da vida moral, permitindo que o ser humano perceba sua jornada espiritual como uma experiência ativa, com escolhas, desafios e recompensas.

João 14:6 – "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida (...)."

Nesse versículo, a metáfora do caminho é intensificada: agora ela é encarnada em uma pessoa, Jesus. O domínio-fonte continua sendo o mesmo (a ideia de caminhar por um trajeto),



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



mas ele se funde com o domínio-alvo de modo ainda mais direto e teológico: seguir Jesus é caminhar corretamente. Ele próprio se declara o único "caminho" possível para alcançar a verdade e a vida eterna. Nesse contexto, o pecado é representado não apenas como um erro de percurso, mas como o abandono do próprio guia, o afastamento da rota segura. A metáfora se torna mais rica e multifacetada:

- O caminho físico já não é apenas uma estrada impessoal, ele é personificado, ele tem rosto, nome e voz.
- O seguimento moral não é apenas uma escolha de direção, mas uma relação com alguém que guia, um compromisso de caminhar com e como Jesus.

Dessa forma, a metáfora se expande: ela deixa de ser apenas uma comparação entre espaço físico e ética, e passa a incluir relacionalidade, confiança, discipulado. O domínio-fonte do percurso se funde com a ideia de acompanhamento, caminhar ao lado de Jesus é mais do que seguir uma linha reta: é seguir uma pessoa-modelo, cuja presença é o próprio percurso. A ideia de percurso, um caminho a ser trilhado, se funde com a ideia de acompanhamento. Isso implica que a jornada não é mais apenas sobre chegar a um destino final, porém sobre a companhia de Jesus ao longo dessa jornada. O "caminho" deixa de ser um espaço físico ou uma linha a ser percorrida de forma independente, para se tornar uma relação dinâmica, onde a presença de Jesus se torna o próprio caminho. Assim, o "caminho" deixa de ser somente uma representação abstrata da jornada moral de uma pessoa, algo que só envolve uma direção a seguir, como a escolha entre o certo e o errado, e se expande para englobar relacionamento, confiança e discipulado. Ou seja, seguir o caminho agora não se trata apenas de andar para alcançar um destino moralmente correto, contudo de desenvolver uma relação com uma pessoa (Jesus) e confiar nessa pessoa como modelo para essa jornada.

Assim, as metáforas do caminho nos versículos de Mateus e João ilustram, com riqueza sensorial e imagética, como a experiência de locomoção física é usada para dar forma concreta a escolhas morais. Essa transferência entre os domínios não apenas torna mais acessível o conceito abstrato de moralidade, como também impõe uma dimensão emocional e existencial: errar moralmente é se perder, e agir corretamente é se manter na trilha. Caminhar, então, torna-se uma metáfora da própria vida ética, uma ação contínua, intencional, dinâmica, onde cada passo importa.

4.2 Bem e Mal: As Metáforas da "Luz" e "Trevas"



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



Os conceitos de bem e mal são frequentemente articulados através das metáforas da luz e das trevas. Essa estrutura metafórica parte de uma experiência sensorial básica, a oposição entre claridade e escuridão, para expressar uma oposição abstrata e moral: o certo e o errado, a justiça e o pecado. A luz, no mundo físico, é o que revela, o que permite ver, o que dissipa o medo. Ela está associada à segurança, ao conhecimento, à orientação. Pensemos em acender uma lâmpada em um quarto escuro: instantaneamente, os objetos ganham forma, o caminho se torna visível, a ansiedade cede à clareza. A treva, por outro lado, é ausência de visão, é confusão, incerteza, risco. É nela que se tropeça, que se perde a direção, que o perigo se esconde. Todos conhecemos essas sensações e é justamente essa familiaridade que torna esse domínio-fonte tão eficaz para metaforizar aspectos mais abstratos da vida espiritual e moral.

A partir desse terreno sensorial, os textos sagrados projetam uma equivalência simbólica: o bem e a verdade são como a luz, o mal e o pecado são como as trevas. A moralidade, portanto, é narrada como visibilidade, aquilo que é claro, evidente, iluminado, enquanto a imoralidade é o que se esconde, se omite, se obscurece.

Mateus 5:14-16 – "Vós sois a luz do mundo (...). Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras (...)."

Nesse trecho, Jesus é retratado como afirmando que seus seguidores são "a luz do mundo". A metáfora não sugere apenas que eles possuem luz, mas que os próprios se tornam fonte de iluminação moral para os outros. A luz aqui está diretamente vinculada às boas obras, isto é, ao comportamento ético, à justiça, à ação inspiradora. A transferência metafórica pode ser descrita assim:

- Domínio-fonte (concreto): luz que se propaga no espaço, clareando o ambiente e sendo vista por todos.
- Domínio-alvo (abstrato): ações virtuosas que iluminam o exemplo dos justos, guiando os demais.

A metáfora convida o leitor a imaginar-se como uma lâmpada: algo que, se escondido, perde sua função, mas se colocado em evidência, orienta e aquece. O esconder da luz pode ser visto como a negação da missão moral que cada pessoa tem de ser um exemplo para os outros. Quando se esconde a luz, se nega a capacidade de influenciar positivamente, de mostrar o caminho da justiça e da verdade. Já quando a luz é colocada em evidência, quando as boas obras



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



são praticadas abertamente, ela cumpre sua função ética, impactando aqueles ao redor e trazendo clareza moral. Assim, a luz não é apenas um sinal de pureza interior, contudo uma função ética que se expressa de maneira pública. Essa ideia de luz pública implica que a moralidade não é algo para ser vivida isoladamente, no entanto para ser compartilhada, visibilizada e contagiada. A luz representa a verdade, a justiça e o amor, e sua missão é guiar os outros em direção à mesma iluminação moral. Ela não existe apenas para o próprio indivíduo, mas tem uma missão coletiva: tornar o bem visível, contagioso e acessível a todos, ou seja, a luz metafórica da moralidade se espalha, não apenas para beneficiar quem a possui, todavia também para alcançar os outros, oferecendo orientação.

A metáfora da luz em Mateus 5:14-16 transforma a ética cristã em um processo visual e relacional. O domínio sensorial da luz serve como um instrumento de entendimento da moralidade, mostrando que a vida justa deve ser vivida de forma pública e visível, influenciando o meio social. Ser luz é assumir uma missão de visibilidade ética: não apenas viver de modo correto, mas iluminar o caminho dos outros. Assim, a metáfora da luz fornece um poderoso modelo de ação moral baseada na presença, influência e visibilidade.

João 1:5 – "A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam."

Esse versículo projeta a metáfora da luz em um cenário de conflito entre domínios: luz e trevas coexistem, porém a luz insiste, resplandece, penetra o escuro, mesmo sem ser compreendida. Esse conflito se manifesta de maneira simbólica e prática: a luz, representando a verdade e a sabedoria divina, entra no mundo das trevas, no entanto não é imediatamente reconhecida ou compreendida. "As trevas não a compreenderam" revela que, apesar da presença da luz, a humanidade (representada pelas trevas) está incapaz de reconhecê-la ou aceitá-la de forma plena. A compreensão aqui não é apenas intelectual, entretanto espiritual: as pessoas estão cegas para a verdade, incapazes de entender a profundidade da mensagem de Cristo. A coexistência das trevas e da luz é um contraste fundamental na metáfora. As trevas não são simplesmente a ausência de luz, contudo um estado ativo de resistência à luz. Elas representam a ignorância espiritual, o pecado e a censura moral. As trevas estão, portanto, associadas à cegueira moral, à falta de entendimento da verdade divina. Por outro lado, a luz, que resplandece nas trevas, é uma imagem da presença de Jesus e da sua mensagem divina. Ela não surge como uma simples presença passiva, mas como algo que insiste, que penetra as trevas, mesmo quando estas tentam rejeitar ou obscurecer sua presença. A luz não depende da aceitação



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



das trevas para brilhar, ao contrário, ela continua a resplandecer, simbolizando a força imutável e eterna da verdade divina, que não pode ser apagada ou sufocada. Esse versículo de João utiliza a metáfora da luz e das trevas para expressar uma dinâmica profunda entre dois domínios antagônicos, mas interligados. A luz e as trevas são opostas em muitos aspectos, representando conceitos como bem e mal, conhecimento e ignorância, pureza e pecado. No entanto, elas coexistem no mesmo espaço, criando uma tensão dramática que é central para a metáfora. No versículo, a luz representa Jesus, sua mensagem, sua verdade, enquanto as trevas são o mundo mergulhado no pecado e na ignorância espiritual. A transferência metafórica pode ser descrita assim:

- Domínio-fonte (concreto): a luz que tenta brilhar no meio da escuridão física, mas encontra resistência, a escuridão não cede, não entende, tenta apagar.
- Domínio-alvo (abstrato): o bem que se manifesta num mundo hostil, a verdade que confronta sistemas de erro, a moralidade que insiste mesmo quando o mal não quer reconhecê-la.

Essa imagem sugere que o mal não apenas está presente, mas resiste ativamente ao bem. A metáfora aqui não é apenas descritiva, ela é dramática: uma batalha simbólica entre visibilidade e cegueira, entre revelação e recusa. A metáfora da luz em João 1:5 não apenas estrutura uma concepção teológica sobre a missão de Cristo no mundo, mas também oferece um modelo cognitivo e moral: o bem verdadeiro, ainda que rejeitado, continua a brilhar. As trevas, enquanto símbolo da recusa à verdade, podem obscurecer, mas não apagar a luz. Essa metáfora é, assim, uma convocação à lucidez ética, um chamado para que a verdade continue a resplandecer mesmo em cenários marcados pela rejeição e pela cegueira espiritual.

4.3 Certo e Errado: Metáfora do "Fruto"

A metáfora do fruto é usada para explicar, de forma simples e concreta, a diferença entre o certo e o errado. Ela parte de algo que todo mundo entende: uma árvore produz frutos, e esses frutos podem ser bons ou ruins, saborosos ou estragados, nutritivos ou venenosos. Esse é o domínio-fonte, aquilo que vem do mundo real e sensorial. Os discursos religiosos então, usam essa ideia do fruto para falar sobre as ações das pessoas, que é o domínio-alvo, mais abstrato. A comparação é mais ou menos assim: as pessoas são como árvores, e o que elas fazem (seus atos) são os frutos que produzem.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



Mateus 7:17-19 - "Toda árvore boa produz bons frutos, mas a árvore má produz frutos maus (...)."

Em Mateus 7:17-19, a metáfora da árvore e dos frutos operam como um modelo cognitivo que estrutura a moralidade a partir de uma lógica de causalidade interna: *“Toda árvore boa produz bons frutos, mas a árvore má produz frutos maus.”* Nesse versículo, o funcionamento moral do ser humano é comparado a um organismo vivo cuja essência, condição e nutrição interna determinam o que é gerado externamente. Não se trata de um princípio casual ou aleatório, mas de uma relação de necessidade ontológica entre ser e agir: o que se é, em profundidade, define o que se manifesta em ações (o que a árvore é, determina o que ela produz). Essa relação entre a natureza da árvore e a qualidade do fruto não é apenas uma metáfora ilustrativa, porém revela uma concepção de ética profundamente enraizada na tradição bíblica: as ações não têm valor isolado, são expressões do caráter, da motivação e da orientação espiritual do sujeito. A árvore representa o sujeito moral, e o fruto seus comportamentos visíveis. Portanto, a metáfora articula uma causalidade ética: as boas ações não emergem por acaso, como eventos fortuitos, no entanto são consequência de uma interioridade bem cultivada, firme em valores espirituais, alimentada pela prática constante da justiça e da fidelidade. Da mesma forma, o bom fruto não nasce por acaso, ele é resultado de uma árvore boa, bem enraizada, saudável. Ao afirmar que “o bom fruto não nasce por acaso”, reforça-se a ideia de que a virtude não é acidental nem meramente performática. Uma árvore só dá fruto bom se suas raízes forem profundas, bem alimentadas, se o solo for fértil e se ela estiver em condições ambientais saudáveis. Analogamente, uma pessoa só age moralmente de maneira contínua e coerente se estiver enraizada em princípios consistentes, com discernimento espiritual e autoconhecimento. Dados que sustentam essa ideia não vêm apenas do campo teológico, mas também de estudos da psicologia moral e da neurociência, que mostram que comportamentos éticos estáveis estão ligados a estruturas internas desenvolvidas, como empatia, autocontrole, formação da consciência e integração de valores.

Desse modo, essa metáfora reforça o princípio bíblico da coerência entre o interior e o exterior, entre o ser e o agir. A árvore má não pode dar frutos bons não por um determinismo cego, todavia porque suas raízes estão desconectadas da fonte da vida (no texto cristão, Deus). A transferência metafórica pode ser descrita assim:

- Domínio-fonte (concreto): árvore: estrutura viva que gera frutos conforme sua saúde e essência. Frutos bons = valor nutritivo; frutos maus = sinal de decadência.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



- Domínio-alvo (abstrato): ser humano: caráter interior que gera ações visíveis. Boas ações = conduta moral; más ações = comportamento pecaminoso.

A transferência metafórica ocorre quando características concretas da árvore (como o fato de que seus frutos revelam sua saúde) são projetadas para o ser humano, de forma que suas ações (os "frutos") passam a refletir sua condição moral interior. Assim, a árvore representa a pessoa, e os frutos representam suas atitudes: bons frutos indicam virtude e, maus frutos, corrupção interna. É uma operação cognitiva que transforma o visível (frutos) em sinal do invisível (caráter). No domínio-fonte, a árvore é uma entidade viva, enraizada, que cresce, floresce e frutifica. Seus frutos funcionam como indicadores externos de sua saúde interna: se a árvore é bem nutrida e saudável, ela gera frutos bons, nutritivos e desejáveis, se está doente ou deteriorada, os frutos serão escassos, deformados ou imprestáveis. Essa lógica natural e concreta serve de base para compreender o domínio-alvo, o ser humano, que, embora seja uma entidade biológica, aqui é interpretado metaforicamente em sua dimensão moral.

Assim, o caráter interior de uma pessoa é comparado à essência da árvore. O que se manifesta externamente, os "frutos", ou seja, as ações e comportamentos, são reflexos do que está enraizado internamente, no coração, na mente ou na alma. Boas ações, como frutos saudáveis, são sinais de um interior virtuoso, cultivado por valores éticos e espirituais. Já as más ações são equiparadas a frutos podres, sintomas visíveis de uma corrupção interna, associada ao pecado ou à ausência de princípios morais.

O versículo ainda reforça um aspecto importante: o fruto é visível, público, mensurável, ou seja, as ações de uma pessoa revelam (e até denunciam) aquilo que está no seu íntimo. É uma metáfora que transforma a moralidade em algo concreto, observável, julgável, e que carrega consequências: a árvore que não produz frutos bons é "lançada no fogo", isto é, rejeitada. Assim, o pecado deixa de ser um erro abstrato e passa a ser uma degeneração produtiva, algo que rompe a utilidade e rompe com o valor de vida.

João 15:5 - "Eu sou a videira, vós sois os ramos (...)."

Nesse trecho, a metáfora da videira e dos ramos é desenvolvida com notável densidade conceitual e teológica. Nessa construção, o personagem de Jesus é representado como a videira verdadeira, e os seguidores são figurados como ramos que dela brotam. Trata-se de uma metáfora enraizada no domínio-fonte da agricultura e da botânica, em que a relação entre tronco e ramo é vital, essencial e ininterrupta para que haja frutificação. A metáfora funciona com



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



base em uma projeção experiencial muito concreta: na realidade do cultivo, os ramos só recebem seiva, o nutriente vital, quando estão organicamente ligados ao tronco da planta. Uma vez separados, murcham, secam, tornam-se estéreis e morrem. Essa estrutura física é transposta para o domínio da espiritualidade, onde o tronco representa a fonte de vida, energia e orientação moral, e os ramos simbolizam os sujeitos que, para agir moralmente e frutificar, precisam estar profundamente conectados a essa fonte.

A metáfora, portanto, articula um princípio teológico e existencial. O sujeito, enquanto ramo, não é autossuficiente nem capaz de gerar fruto, entendido aqui como ações éticas, espiritualmente alinhadas, de forma isolada. Há uma interdependência que sustenta o viver moral: estar unido à videira é condição para a fertilidade ética. O fruto, nesse contexto, representa não apenas boas obras, contudo uma forma de existência que expressa coerência entre fé e prática, entre fonte e manifestação. Além disso, a imagem do ramo que seca ao se desligar da videira introduz a ideia de consequência: a desconexão da fonte não é apenas uma perda passiva, mas produz degeneração ativa, o ramo se torna incapaz de cumprir sua função, e sua própria estrutura se desfaz. Essa dimensão reforça a carga moral da metáfora, que sugere que a vida virtuosa depende de um vínculo essencial com o divino, não como imposição externa, mas como condição ontológica da existência fecunda.

Portanto, a metáfora da videira não apenas comunica a importância do vínculo, no entanto o estrutura como condição de possibilidade para o bem. A frutificação, ou seja, a realização ética, é o resultado de uma interioridade nutrida constantemente pela seiva da videira, que representa a presença espiritual, a palavra e a ação de Deus, mediadas, na narrativa, pela figura de Jesus. A metáfora é mais relacional, e o mapeamento metafórico se aprofunda:

- Domínio-fonte (concreto): videira e ramos: relação orgânica e indispensável entre tronco e galhos; a seiva circula, alimenta, sustenta a frutificação.
- Domínio-alvo (abstrato): Jesus e os crentes: união espiritual que permite o florescimento da moralidade; afastar-se é perder a capacidade de fazer o bem.

Assim, fruto não é apenas um resultado ético individual, mas um efeito direto da ligação com a fonte da vida espiritual, que é Cristo. O pecado, portanto, não é apenas "agir errado", mas "desconectar-se" da origem do bem, é uma ruptura de vínculo, uma quebra de comunhão. A transferência metafórica ocorre quando a relação concreta entre videira e ramos (domínio-fonte), onde a seiva sustenta e gera frutos, é projetada para a relação entre Jesus e os crentes (domínio-alvo), onde a ligação espiritual com Cristo permite a produção de boas ações. Desconectar-se da videira (Cristo) é como cortar o galho: ele seca e não frutifica. Assim,



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



moralidade é vista como fruto natural da comunhão com a fonte do bem, e o pecado como ruptura dessa ligação vital.

Além disso, quando Jesus é identificado no versículo como videira, a metáfora se torna teológica e relacional: não basta "querer dar fruto", é preciso estar ligado à fonte de vida, nutrir-se da verdade divina. Essa imagem cria um senso de dependência espiritual como pré-requisito para a moralidade e, com isso, dá profundidade à metáfora: ser bom não é só uma questão de vontade, mas de enraizamento.

4.4 Pecado e Limpeza: Metáfora da "Purificação"

A metáfora da limpeza aparece nos evangelhos como uma maneira prática e concreta de falar sobre o pecado e a necessidade de transformação interior. Todos nós sabemos o que significa limpar algo, um prato sujo, uma roupa manchada, o próprio corpo. Essa experiência cotidiana, visível e tátil, é o que chamamos de domínio-fonte. Os discursos religiosos então usam essa ação de limpar fisicamente algo impuro para representar a purificação espiritual, ou seja, o processo de se livrar do pecado, da maldade e da falsidade. Esse é o domínio-alvo, algo abstrato e invisível, que a metáfora ajuda a tornar mais compreensível.

Mateus 23:25-26 - “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de rapina e intemperança (...).”

No versículo Mateus 23:25-26, o evangelho apresenta Jesus afirmando: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de rapina e intemperança (...).” Essa metáfora é usada para criticar com firmeza os líderes religiosos de seu tempo, fariseus e escribas, que mantinham uma aparência pública de santidade e obediência, entretanto escondiam intenções egoístas, ambição e injustiça. A imagem empregada é simples, todavia extremamente eficaz: copos e pratos lavados por fora, mas ainda sujos por dentro. A transferência metafórica em Mateus 23:25-26 ocorre quando a ação concreta de lavar apenas o exterior de copos e pratos (domínio-fonte) é projetada para a conduta moral de líderes religiosos (domínio-alvo). Assim como utensílios aparentemente limpos por fora ainda estão sujos se o interior não for lavado, as pessoas que mantêm aparência de santidade, mas ocultam atitudes corruptas, são, na verdade, impuras. A metáfora denuncia a



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



hipocrisia e ensina que a verdadeira transformação moral começa de dentro e não das aparências.

A comparação propõe um mapeamento metafórico entre dois domínios:

- Domínio-fonte (concreto): a prática cotidiana de lavar utensílios, copos e pratos, apenas por fora, enquanto o interior, onde se coloca o alimento, permanece sujo.
- Domínio-alvo (abstrato): a conduta moral das pessoas, especialmente de líderes religiosos, que se esforçam para parecer justos e santos diante dos outros, mas mantêm em seu interior atitudes condenáveis, como ganância, vaidade, soberba e injustiça.

A força dessa metáfora está na familiaridade com a ação de lavar louças: ninguém consideraria limpo um prato cujo lado interno, que entra em contato com a comida, estivesse sujo. Isso torna a crítica incisiva e facilmente compreensível para qualquer ouvinte. No trecho, é denunciado a hipocrisia daqueles que se preocupam com a imagem moral, contudo não com a verdade moral. Ou seja, cuidam das aparências, do “exterior”, mas negligenciam o essencial: a integridade do coração, a sinceridade da fé e a justiça nas ações. O versículo de Mateus 23:25-26, afirma que a limpeza verdadeira deve começar de dentro: “Limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo”. A metáfora, portanto, carrega uma orientação ética: a mudança moral verdadeira não vem da aparência ou da performance religiosa, porém da transformação interior. Quando o interior é purificado, ou seja, quando há arrependimento, humildade e retidão, o exterior naturalmente refletirá essa mudança, pois as ações revelam o que está no coração.

Assim, essa metáfora expõe a falsidade das aparências e convida à autenticidade: a verdadeira moralidade não se constrói com gestos ensaiados ou discursos bonitos, mas com uma vida interior coerente, ética e espiritual. O pecado, nesse contexto, é retratado como sujeira invisível que se acumula por trás de fachadas limpas e que, cedo ou tarde, contamina todo o recipiente, ou seja, toda a vida.

João 13:10 - “Jesus disse-lhe: ‘Quem já se banhou não precisa de lavar senão os pés, pois no mais está todo limpo (...)’”

No evangelho de João 13:10, a narrativa atribui a Jesus a seguinte declaração: “*Quem já se banhou não precisa de lavar senão os pés, pois no mais está todo limpo.*” Essa afirmação ocorre no momento em que Jesus, em um gesto simbólico e surpreendente, se dispõe a lavar os



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



pés dos discípulos. É nesse contexto que surge a metáfora do “banho” e da “lavagem dos pés”, construída a partir de uma prática corporal muito comum na antiguidade: banhar-se para purificar o corpo, mas, após caminhar pelas ruas empoeiradas, ter que lavar apenas os pés antes de participar de uma refeição ou de um momento sagrado.

A transferência metafórica ocorre ao projetar a experiência física de tomar banho e lavar os pés (domínio-fonte) sobre a experiência espiritual do perdão e da vigilância moral contínua (domínio-alvo). O banho completo representa a purificação inicial — como o arrependimento ou conversão — enquanto lavar os pés simboliza o cuidado diário com os pequenos pecados que surgem ao longo da caminhada da vida. Assim, a metáfora traduz o processo espiritual em termos corporais, tornando visível e compreensível a necessidade de constante renovação interior.

O mapeamento metafórico é:

- Domínio-fonte (concreto): tomar banho e lavar os pés após andar por caminhos empoeirados.
- Domínio-alvo (abstrato): receber o perdão de Deus (banho completo), mas continuar vigiando e se arrependendo dos pequenos pecados do cotidiano (lavar os pés).

Essa metáfora, portanto, comunica que a vida espiritual não se resume a um único ato de purificação, como uma decisão tomada no passado, mas requer acompanhamento permanente. Caminhar pelas estradas do mundo, ou seja, viver, inevitavelmente expõe o sujeito a pequenas falhas, deslizos, tentações. O texto sugere que a espiritualidade exige atenção a esses pequenos acúmulos, não porque anulam a purificação inicial, entretanto porque representam o contato inevitável com aquilo que pode contaminar a consciência e comprometer o testemunho ético.

Ao usar essa imagem corporal tão familiar (a de lavar os pés) o evangelho traduz a dimensão moral em termos visuais e práticos. Mostra que cuidar da alma se assemelha ao cuidado com o corpo: mesmo estando limpo, é necessário observar as partes mais vulneráveis, aquelas que mais facilmente se sujam pelo contato direto com o chão. O coração humano, embora transformado pela fé, continua sujeito às poeiras da rotina, pequenas ações egoístas, pensamentos impuros, palavras impensadas. E, por isso, precisa ser constantemente revisto, purificado, cuidado. A metáfora transforma o arrependimento em algo concreto: limpar-se por dentro para viver com verdade e sinceridade.

4.5 Resultados da análise: A moralidade sob a lente da Linguística Cognitiva



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



A análise dos dados evidenciou que os discursos religiosos recorrem amplamente a metáforas conceituais para estruturar e comunicar valores morais. Conforme proposto por Lakoff e Johnson (1980), as metáforas não são apenas figuras de linguagem ornamentais, mas instrumentos fundamentais de pensamento que nos permitem compreender conceitos abstratos a partir de domínios mais concretos e sensoriais. No contexto da construção da moralidade através dos discursos religiosos, esse processo metafórico é essencial para traduzir ideias intangíveis, como bem/mal, pecado, certo/errado, em experiências corporificadas e perceptíveis. Entre as metáforas identificadas, destacam-se: o caminho é a vida moral, a luz é o bem / as trevas são o mal, as ações humanas são frutos e o corpo sujo é o pecado cotidiano. Cada uma delas opera como uma ponte conceitual entre o mundo físico e o universo espiritual, facilitando o entendimento e a internalização da conduta ética.

A metáfora do caminho projeta sobre a vida espiritual os esquemas corporificados de deslocamento, orientação e destino. Caminhar com Deus é seguir uma direção reta, segura, com propósito e afastar-se dos mandamentos é desviar-se, errar o caminho ou trilhar veredas escuras. Essa metáfora ativa o esquema de trajetória, uma estrutura cognitiva elementar na qual há um ponto de partida, um percurso e um destino, o que permite perceber a vida moral como um percurso com direção e obstáculos. Essa estrutura transforma a fé em prática cotidiana e posiciona o sujeito como agente de sua caminhada, responsável por suas escolhas.

No caso da metáfora da luz e das trevas, temos a projeção do domínio visual sobre o domínio ético. A luz remete ao que é visível, revelado, seguro e verdadeiro, enquanto as trevas simbolizam ignorância, pecado e perdição. A associação entre luz e moralidade positiva permite que a conduta ética seja interpretada como algo que ilumina e orienta, enquanto a transgressão aparece como ocultamento, escuridão ou cegueira. Trata-se de uma metáfora ontológica que atribui existência concreta àquilo que, em termos racionais, seria abstrato, como o bem e o mal.

A metáfora do fruto atua como um poderoso modelo interpretativo da moralidade cristã. No domínio-fonte, a árvore e seus frutos expressam uma lógica natural de crescimento, amadurecimento e consequência. No domínio-alvo, as ações humanas são vistas como resultados visíveis de um estado interior (espiritual ou moral). Assim, a qualidade dos “frutos” revela a verdadeira essência da “árvore”, ou seja, da pessoa. Essa metáfora conceitual sugere que a moralidade não é apenas uma escolha racional ou normativa, mas um desdobramento inevitável do caráter e da comunhão espiritual com Deus. O pecado, nesse contexto, é mais que um erro: é a esterilidade da alma, a podridão dos frutos, a quebra do vínculo com a fonte de vida espiritual.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



Por fim, a metáfora do lavar os pés, extraída do episódio da Última Ceia, revela uma concepção dinâmica da vida espiritual. O banho completo representa a purificação total associada à conversão, enquanto lavar os pés simboliza os ajustes diários, os pequenos pecados e desvios morais que surgem ao longo da caminhada. Essa imagem corporal e cotidiana reforça a ideia de que a espiritualidade exige constante vigilância e cuidado, não apenas um ato único de arrependimento, mas um processo contínuo de manutenção da integridade moral. Tal projeção metafórica comunica que o pecado não é apenas uma falha de comportamento, no entanto um “acúmulo de poeira” nos pontos mais vulneráveis da existência humana, que precisa ser removido com frequência.

A seguir, o quadro apresenta uma organização sistemática das metáforas encontradas nos versículos analisados, identificando seus domínios-fonte e domínios-alvo.

Quadro 1- Quadro de Metáforas Conceituais em João e Mateus

Versículo	Metáfora Conceitual	Domínio-Fonte (Experiência Concreta)	Domínio-Alvo (Conceito Abstrato)	Explicação
Mateus 7:13-14 – "Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição (...)"	O caminho da moralidade	Caminho físico (estreito ou largo)	Conduta moral (certo e errado)	A vida moral é descrita como um caminho: o caminho estreito representa a retidão e o largo, a perdição e o pecado.
João 14:6 – "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida (...)"	Jesus como caminho	Caminho que se segue para um destino	Conduta correta e fé verdadeira	Jesus é metaforizado como o caminho certo, implicando que segui-lo é o único meio de alcançar a verdade e a vida espiritual.
Mateus 5:14-16 – "Vós sois a luz do mundo (...)"	Luz como moralidade e exemplo	Luz que ilumina o ambiente	Bondade, justiça e moralidade	A luz representa a retidão e as boas obras, que devem brilhar para que outros as vejam e sigam o exemplo.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



João 1:5 – "A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam."	Bem como luz, mal como trevas	Luz e escuridão física	Verdade/justiça e pecado/ignorância	A metáfora associa o bem e a verdade à luz, enquanto as trevas representam o pecado e a falta de entendimento.
Mateus 7:17-19 – "Toda árvore boa produz bons frutos, mas a árvore má produz frutos maus (...)"	As ações como frutos	Árvores e frutos bons ou ruins	Comportamento moral e suas consequências	O bom fruto representa boas ações e o mau fruto simboliza más condutas, reforçando a ideia de que os atos revelam a natureza moral do indivíduo.
João 15:5 – "Eu sou a videira, vós sois os ramos (...)"	Jesus como fonte de moralidade	Videira e ramos que produzem frutos	Conexão espiritual e prática moral	Jesus é a videira e os seguidores são os ramos; aqueles que permanecem nele produzem bons frutos (boas ações).
Mateus 23:25-26 – "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de rapina (...)"	Pecado como impureza	Limpeza física de objetos	Pureza interior e moralidade	O pecado é comparado à sujeira interna de um copo, enquanto a santidade é simbolizada pela limpeza.
João 13:10 – "Quem já se banhou não precisa de lavar senão os pés (...)"	Pecado como sujeira e arrependimento como limpeza	Banho purificação física	Perdão e purificação espiritual	O banho representa o perdão, mas a necessidade contínua de lavar os pés sugere a manutenção da moralidade no dia a dia.

Fonte: Elaborado pela autora com base na relação domínio-fonte e domínio-alvo.

Em suma, as metáforas conceptuais analisadas confirmam que a moralidade cristã é estruturada por experiências corporificadas e sensoriais, profundamente enraizadas na vida



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



cotidiana. Como afirmam Lakoff e Johnson (1980), nossa compreensão do mundo moral é inseparável das formas como nos movimentamos, vemos, tocamos e experimentamos o ambiente à nossa volta. No caso dos discursos religiosos, a linguagem metafórica não apenas comunica princípios morais, mas molda uma visão de mundo na qual a ética é vivida no corpo, percebida nos sentidos e enraizada na experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo geral compreender como essas metáforas constroem e reforçam concepções de moralidade, moldando percepções sobre pecado, bem e mal, certo e errado presentes nos discursos bíblicos dos Evangelhos de Mateus e João, retirados da Bíblia Sagrada. De forma mais específica, buscou-se identificar as metáforas conceptuais mais recorrentes, analisar exemplos concretos que expressam noções morais, investigar normas internalizadas a partir dessas metáforas e, por fim, realizar um inventário das ocorrências metafóricas nos textos selecionados.

Ao longo do trabalho, foi possível identificar que metáforas como a do caminho, da luz/trevas e do fruto desempenham um papel central na estruturação da moralidade cristã. Essas metáforas não apenas enriquecem o discurso religioso, mas organizam formas de pensar, sentir e agir, contribuindo para a consolidação de padrões morais e normas comportamentais compartilhadas pelos sujeitos. Pôde-se perceber, por exemplo, como a metáfora do caminho orienta a conduta moral como uma jornada que exige escolhas e posicionamentos éticos; ou como a metáfora da luz/trevas reforça a dualidade entre o bem e o mal de modo sensorialmente acessível e emocionalmente marcante.

Entretanto, reconhecemos que nem todos os objetivos inicialmente propostos puderam ser plenamente desenvolvidos. A intenção de realizar uma microanálise e macroanálise mais aprofundada, que complementasse a análise qualitativa com uma visão quantitativa ou discursiva mais ampliada, foi limitada pela complexidade conceitual do tema e pela densidade do material. A inclusão dessas abordagens resultaria em um volume de informações que poderia comprometer a clareza da exposição e a coerência argumentativa. Optou-se, portanto, por priorizar uma análise interpretativa que se mantivesse acessível, sem perder o rigor teórico necessário.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DOM JOSÉ VÁSQUEZ DÍAZ – BOM JESUS/PI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS



Apesar dessas limitações, considera-se que o trabalho trouxe contribuições relevantes para a compreensão do papel das metáforas na construção da moralidade em discursos religiosos. Ao lançar luz sobre a linguagem figurada das Escrituras, o estudo amplia o entendimento do discurso religioso não apenas como veículo de fé, mas como um instrumento poderoso de orientação moral, que estrutura modos de ver o mundo e de se posicionar diante dele.

Considera-se, assim, a possibilidade para pesquisas futuras que ampliem o escopo metodológico com análises discursivas mais amplas ou que explorem outras metáforas ainda não investigadas. Afinal, como toda investigação, esta não pretende esgotar o tema, mas contribuir para o debate e abrir caminhos para novas reflexões sobre a relação entre linguagem, metáfora e moralidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA VELOSO, N. BERNARDO, S.; FERNANDES NUNES, V. **Linguagem Cognição e Sociedade: interlocução em Linguística Cognitiva**. Campinas-sp: Pontes editores, 2023.

FERRARI, L. V. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011. Fiorin, J. L. **Introdução à linguística I** São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, I. V.; CUNHA LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sóciocognitivismo. In: BENTES, A. C.; MUSSALIN, Fernanda. (Org.). **Introdução a Linguística** - Domínios e Fronteiras. 1ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 251-300.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. São Paulo: EDUC-Mercado das Letras, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. de M. (Org.); Farias, Emília Maria Peixoto (Org.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. 01. ed. Porto Alegre e Caxias do Sul: EDPUCRS e EDUCS, 2008. p. 88 -111.

SILVA, A. S. **A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística**. Revista Portuguesa de Humanidades, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.